

DENÚNCIAS SOCIOPOLÍTICAS NO DISCURSO MACHADIANO

Sonia Maria da Fonseca Souza¹
Clodoaldo Sanches Fófano²
Vyvian França Souza Gomes Muniz³

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo apresentar, para discussão, alguns ~~elementos verificados~~ no estudo “O implícito na prática discursiva: um olhar investigativo no infratexto de crônicas políticas machadianas da segunda metade do século XIX”. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de base qualitativa, considerando as contribuições de teóricos como Brayner (1992), Orlandi (2008), Fiorin (2008), entre outros. Assim, serão discutidas análises discursivas de crônicas políticas que de maneira implícita apresentam denúncias sociopolíticas. Por fim, concluiu-se que Joaquim Maria Machado de Assis utilizou da linguagem com genialidade, ultrapassando os limites da censura, sem perder de vista o que pretendia enunciar, denunciar. Sendo assim, fica evidente que o cronista nunca foi omissivo nem passivo frente às injustiças sociais do seu tempo. Portanto, cabe ressaltar que, nos momentos em que o literato era obrigado a interromper seu discurso, ainda assim, seu silêncio não representava ausência de comunicação. Então, mesmo diante da imposição do silêncio pela censura, o discurso machadiano denunciava.

PALAVRAS-CHAVE: Denúncias. Machado de Assis. Prática discursiva.

Introdução

“O homem é apenas metade de si mesmo; a outra metade é a sua expressão” (R. W. EMERSON apud J. MATTOSO CÂMARA JR., 1986).

Ao fazer uma análise inferencial das crônicas políticas machadianas, pertencentes à segunda metade do século XIX, o leitor percebe pela construção de sentidos que essa narrativa contém de forma implícita denúncias sociopolíticas que podem ser constatadas por elementos discursivos. Em relação à crônica, vale destacar que a sua história no Brasil se confunde com a própria trajetória do jornalismo contemporâneo. Com objetivo de entretenimento, de um modo geral, ela começou a consolidar-se no país em meados do século XIX e, desde então, tornou-se um gênero quase obrigatório para os jornais brasileiros.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Iguazu (UNIG). Professora do Centro Universitário São José de Itaperuna a (UNIFSJ). E-mail: sonifon1@hotmail.com

² Mestrando em Ciências das Religiões, pela Faculdade Unida de Vitória. Pós-graduado em Estudos Linguísticos e Literários, pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ). Pós-graduado em Gestão Escolar, pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Graduando em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Elvira Dayrell (ISSSED). Graduado em Letras (Português/Espanhol), pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ). Professor dos Cursos Técnicos na Escola de Aplicação da Fundação Educacional e Cultural São José de Itaperuna (UNIFSJ). E-mail: clodoaldosanches@yahoo.com.br

³ Graduada em Letras - Português/Inglês do Centro Universitário São José de Itaperuna. E-mail: vyvi46@hotmail.com

Machado de Assis foi um dos principais fundadores da crônica moderna. Foi um escritor que se valeu da crônica durante quatro décadas, escreveu crônicas e publicou-as em jornais, onde também publicou poemas e romances em capítulos. O literato escrevia suas crônicas sob pseudônimos. Não obstante, só 40 anos após sua morte é que se descobriu o verdadeiro autor das crônicas de *Lélio*.

Para se descobrir os variados registros discursivos na crônica, é preciso fazer uma leitura crítica que, junto com outros elementos importantes para coesão discursiva, possibilita uma interpretação global, que conduz o leitor a uma determinada visão de mundo. Essa leitura crítica vai proporcionar valorização da crônica, à medida que o leitor descobre sua significação. Apesar do texto jornalístico, na modernidade, apresentar uma linguagem objetiva, a crônica, entretanto, desde seu nascimento apresenta uma linguagem subjetiva. E é dentro desta subjetividade que está a ideologia que o enunciador quer comunicar com seu receptor. Portanto, a linguagem se torna um código ideológico.

Essa subjetividade, que não é característica dos textos jornalísticos, é uma das características marcantes da crônica. Assim, por meio do foco narrativo em primeira pessoa, o enunciador estabelece um diálogo com o receptor ao apresentar denúncias da realidade de uma sociedade oprimida e marginalizada inferida a partir de uma prática discursiva.

Para tanto, o cronista utiliza a palavra escrita, com carga semântica subjetiva. Nessa linha de raciocínio, pode-se completar essa ideia com o entendimento de Vendryes (apud GARCIA, 1997, p. 162): “a palavra possui uma magia latente, um poder de evocar outras ideias além das que lhes é implícita”. É essa magia latente que torna a crônica um texto sugestivo para a Análise do Discurso (AD) e também possibilita uma análise mais abrangente. Na verdade,

[...] o sentido das palavras não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daquele que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formas ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (ORLANDI, 1999, p. 43).

Logo, as palavras falam com as outras palavras. E toda palavra é sempre parte de um discurso, ou seja, as palavras recebem seus sentidos de formação discursiva em suas relações. Assim, por meio da AD (prática e campo da linguística e da comunicação especializada em analisar construções ideológicas presentes em um texto) é que se vai analisar esse gênero textual discursivo que retrata fatos do cotidiano e também tem como

característica ser espelho da realidade. Essas análises servirão de referências para que o leitor possa perceber que Machado de Assis, nunca foi omissivo, nem passivo frente às injustiças sociais do seu tempo. Portanto, fez denúncias sociopolíticas dentro de um cenário de grandes conflitos sociais.

Prática de análise de crônicas machadianas

A análise proposta neste estudo é discursiva. Na análise discursiva o foco principal é o discurso (também conhecido como enunciação) e seus elementos que contribuem para a construção discursiva. Então, a partir de elementos discursivos é que vão ser feitas as análises de crônicas políticas machadianas. Sobre o referido autor, ressalta Moura (2007, p. 33): “Machado de Assis desenvolveu uma brilhante carreira, embora suas origens pudessem conduzi-lo à condição marginal na sociedade, o que, na verdade, não ocorreu”.

Pela peculiaridade de sua criação literária, Machado estava, de acordo com Resende, (1992, p. 420), “voltado para a elite intelectual do país, que era esse ‘mar de analfabetos’”. É nesse sentido que se pode afirmar que sua autoria cria um clima de cumplicidade com o seu leitor. O referido cronista assumiu a missão civilizadora de autoria no período de urbanização do Rio de Janeiro Imperial, ainda assentado sobre a barbárie da escravidão. Arnaldo Niskier (apud MOURA, 2007, p. 34) afirma que “Machado de Assis ensinou o Brasil a ser ele mesmo através de seu olhar de compaixão, de tranquila ironia e quase sempre largo entendimento”.

No conjunto de suas seiscentas crônicas, Machado traça o perfil do Rio de Janeiro, no Segundo Império e início da República, um período no qual o país vivia a segunda fase da Revolução Industrial, surgimento de grandes complexos industriais; por sua vez, a massa operária urbana se avolumava, formando uma população marginalizada que não partilhava dos benefícios gerados pelo progresso industrial, mas, pelo contrário, foi explorada e sujeita a condições subumanas de trabalho.

Nesse sentido, verifica-se que o Brasil vivia profundas mudanças no plano econômico e político-social. A Campanha Abolicionista se intensificou a partir de 1850; a Guerra do Paraguai (1864/70) teve como consequência o pensamento republicano – o Partido Republicano foi fundado no ano em que findou essa guerra; a Monarquia, representada por D. Pedro II, no poder há 40 anos, sofreu uma decadência. A Lei Áurea não resolveu o problema dos negros, mas criou uma nova realidade: a mão de obra escrava foi substituída pela mão de obra assalariada, representada pelas levas de imigrantes europeus que vinham trabalhar na lavoura cafeeira, tendo início uma nova economia voltada para o mercado externo e, por sua vez, livre da estrutura colonialista. É,

pois, dentro desse cenário conturbado que Machado de Assis publica suas crônicas, nas décadas de 60, 70, 80 e 90 do século XIX. Lê-se em Brayner (1992, p. 407):

Durante quarenta anos, desde a década de 1860, escreveu crônicas: por ordem cronológica, no *Diário do Rio de Janeiro* e mais tarde na *Semana Ilustrada* (1860-75), em *O Futuro* (1876-78), em *O Cruzeiro* (1878) e, a partir de 1883 até 1897, na *Gazeta de Notícias*, inscritas sob vários títulos – “Balas de estado” (Lélio), “A + B” (João das Regras), “*Gazeta de Holanda*” (Malvólio), “*Bons dias*” (Boas Noites) até sua perfeita e final feição de crônicas em “*A Semana*”, sem assinatura, entre 1892 e 97.

As temáticas desenvolvidas por Machado, no período, tratam de arte, de literatura, de teatro, de política, do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, de tipos característicos do período, de fatos históricos relevantes nacionais e internacionais, bem como de pessoas ilustres da época em diversos seguimentos sociais. Sua vida e obra se entrelaçaram intimamente com o crescimento e a consolidação de uma nova classe social em um Brasil em transição: a burguesia.

Do conjunto de produção de Machado de Assis, serão privilegiadas três crônicas políticas, todas escolhidas em diferentes décadas, que constituirão o *corpus* de análise, ressaltando aspectos marcantes de sua produção discursiva. Para que se pudesse ter uma visão de diferentes acontecimentos históricos, elas foram escolhidas levando-se em consideração diferentes épocas; preocupou-se, ainda, nessa escolha observar de que maneira o discurso dessas crônicas evidenciam as denúncias sociopolíticas.

Histórias de 15 anos – 1º de novembro de 1877

Nessa crônica, que faz parte do conjunto dos textos reunidos sob título “História dos Quinze Anos”, datada de 1º de novembro de 1877, Machado de Assis aborda o folhetim/crônica cujo discurso inicia com o sujeito da enunciação interagindo de forma dialógica com seu interlocutor, na tentativa de demonstrar como se escreve uma crônica. Nesse sentido, o enunciador introduz em seu discurso a ideia de que o que vai demonstrar para a construção dessa produção literária é “um meio certo” e trivial. Assim, esses dois adjetivos podem ser substituídos pelos sinônimos *seguro* e *simples*: “Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade” (ASSIS, 1994). Nesse fragmento, o enunciador revela para o seu coenunciador que não há erro em se seguir os passos que serão apresentados. Isso se evidencia pela expressão “um meio certo”, que com certeza contribui para manipular e convencer seu coenunciador desse fato. Em seguida, apresenta para seu coenunciador os passos, uma “receita de bolo”:

Que calor! que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, *ela glâce est rompue*; está começada a crônica (ASSIS, 1994).

Nessa “receita”, o enunciador sugere diversas maneiras de se criar argumentos que podem valer como pré-texto para se iniciar uma crônica. Interessante que quase todos os assuntos estão relacionados com questões climáticas, doença devastadora para época e no último destaca: “manda-se um suspiro a Petrópolis” (cidade onde estava localizada a moradia de verão da Família Real cujo clima é ameno). Com certeza, qualquer desses assuntos chamaria muito a atenção do público leitor, principalmente quando utilizados dentro de uma linguagem cheia de signos e símbolos. Como Ressalta Brayner (1992, p. 413), “Machado recolhe as notícias e, como em um ‘panorama visual’ em moda na segunda metade do século, dá-lhes um enquadramento de significação”. Mais adiante a mesma autora explica:

Dentro desse mosaico da historicidade, o leitor e o autor são capazes de reescrever, graças aos ardis do texto e de seus novos ritmos, aquela oralidade aparentemente condenada às conversas de confeitaria, esquinas, saraus, teatros. E os assuntos “nobres” – política, administração do império, fatos internacionais – democratizam-se, agora redistribuídos pela voz do cronista desatento às hierarquias sociais (BRAYNER, 1992, p. 414).

Um fator intrigante é o cronista voltar a falar de calor: “Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas” (ASSIS, 1994). Talvez o vocábulo “calor” fosse usado por Machado com outro sentido, sendo assim, nesse contexto, ele é usado com valor conotativo. Logo, pode-se pensar em calor como agito, confusão, fruto de alguma insatisfação governamental por parte da elite burguesa. Nesse sentido, o enunciador faz uso desse artifício para poder maquiagem sua linguagem e deixar que seu coenunciador faça inferências e compreenda aquilo que está implícito e que ele quer enunciar. Por isso,

Quando se lê, considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando. E o que não está dito pode ser de várias naturezas: o que

está suposto para que se entenda o que está dito; aquilo a que o que está dito se opõe; outras maneiras diferentes de dizer o que se disse e que significa com nuances distintas etc. (ORLANDI, 2008, p. 11).

Essa leitura apresentada toma forma e vai se configurando quando o cronista citou em seu discurso os patriarcas como se fosse uma lista enumerada e disse que, naquela época, “antes mesmo de Noé”, já havia calor e crônica. Um estudioso das Escritas Sagradas sabe que antes mesmo de Noé já existiam conflitos e lutas de poder; assim, na época de Noé, Deus mandou o dilúvio devido à tamanha corrupção que estava sobre a terra. Portanto, essas crônicas, serviriam para fazer o povo refletir, despertar para a situação “calorenta” em que vivia.

Observa, pois, Machado de Assis foi um escritor de *metacrônicas* jornalísticas. Cabe destacar que existe uma ideologia presente por trás de tudo isso. O porquê dessa frequente atividade é difícil de explicar, o que se tem são suposições. Sendo assim, Teixeira (2002) declara que essa insistência em tratar desse tema é fruto de uma necessidade da época, pois é provável que os intelectuais discutissem esse atrativo para vendas e público.

Outro motivo, ainda na opinião da referida autora supracitada, seria uma tentativa intencional de criar um elo de aproximação com o coenunciador, fingindo compartilhar com ele a dificuldade que permeia o dia a dia de um cronista. Dessa forma, essas duas suposições teriam por objetivo levar o coenunciador a dar maior importância e respeito a esse gênero discursivo, já que Machado compreendia que importância e respeito a esse gênero seriam ferramentas fundamentais para levá-lo a se torna dominante e consequentemente a refletir no comportamento dos homens. Como evidencia Fiorin (1993, p. 55):

A linguagem tem influência também sobre os comportamentos do homem. O discurso transmitido contém em si, como parte da visão de mundo que veicula, um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positivamente ou negativamente. Ela veicula os tabus comportamentais.

Sendo assim, deve-se considerar que Machado pretendia, pelo seu discurso, fazer com que o povo se interessasse pelas lutas políticas de seu tempo e tentasse de alguma forma intervir com o objetivo de diminuir as injustiças sociais. Assim, a crônica seria um texto de denúncias sociais.

Bons dias! – 19 de maio de 1888

O tema da crônica de Machado de Assis, publicada na Gazeta de Notícias, em 19 de maio de 1888, representa o clima dominante no Brasil do período Pré-Abolicionista. Por intermédio do título “Bons Dias!”, o cronista inicia seu diálogo com seu coenunciador de uma forma cortês. Um início de conversa que a todo o momento parece estar ameaçada de se romper. Assim, ele começa a compartilhar suas opiniões políticas, fazendo uso da história apresentada nessa crônica como pré-texto para discutir sobre a abolição, que era o tema em voga. O discurso inicia com um enunciado no qual o sujeito da enunciação declara que vem de uma “família de profetas”. Esse vocábulo é muito utilizado na Bíblia, tanto no Novo Testamento quanto no Antigo Testamento para se referir a alguém que fazia previsões do futuro. No hebraico (*nabi*) e no grego (*profetes*). Como sinônimo deste, também se utilizava à palavra vidente.

Além dessa característica de profeta, a principal não é revelada, que é fazer indiretamente denúncias, pois o profeta também denunciava o pecado do povo. Na segunda metade do século XIX, com certeza, ser profeta, chamava muita atenção, ainda mais em um país místico como o Brasil. Quantos não desejam saber do seu futuro? Para isso muitas pessoas, em especial as mulheres da classe dominante, subiam os morros à procura das cartomantes para consultar seus interesses.

Diante do explicitado percebe-se a agitação que o país vivia – situação que serviu de pano de fundo para muitas crônicas denunciativas de Machado de Assis. Para Brayner (1992, p. 415),

Os anos 80 e 90 encontraram sua política comentada por um observador sem partido mas hábil na arte de captar a interação de ideias e atos da época, transformando em imagens-matriz o grande relacionamento de vozes estridentes e reivindicatórias vindas de diversos setores da sociedade.

Em um trecho dessa crônica, destaca o enunciador: “tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos” (ASSIS, 1994). Assim, ao observar a maneira como o enunciador expressa a idade do “molecote”, percebe-se como os negros eram tratados como animais: “dezoito anos, mais ou menos”. Com isso, o enunciador deixa implícito certo ar de indiferença, evidenciada pela sua incerteza.

Em outro momento, após uma “louvável” atitude do enunciador, ele recebe em troca uma restituição carinhosa de Pancrácio: “Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés” (ASSIS, 1994). Com essa atitude do

“ex-escravo”, Machado quer nas entrelinhas revelar que a abolição não seria uma libertação, pois eles continuariam escravos, abraçando os pés de seus senhores.

Ao passar esse momento, o cronista relata que chama seu “ex-escravo” com “rara franqueza”. Nesse sentido, o adjetivo “rara” antecedente do substantivo “franqueza” sugere que ele não era normalmente verdadeiro em suas palavras, e disse: “Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que [...]” (ASSIS, 1994). Como se percebe, ao mesmo tempo em que o cronista dá liberdade ao seu “ex-escravo”, sutilmente toma novamente de forma manipuladora ao dizer que a casa era amiga e conhecida. É como se soltasse um passarinho que foi criado na gaiola e dissesse para ele, se quiser pode ficar, mas cuidado, lá fora é perigoso, se ficar será retribuído. Aqui está uma denúncia explícita, revelando o excesso de poder e manipulação vigente na época.

A retribuição, o ordenado, estrategicamente não foi revelado de imediato para criar certo suspense, provocando assim uma reação no coenunciador, mas logo ele foi especificado, ainda que meio incerto: “Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha. Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete” (ASSIS, 1994).

Com isso, Machado ironicamente, demonstra que a abolição não seria suficiente para garantir a dignidade de um escravo alforriado, era preciso também lhe oferecer salários dignos de um trabalhador para que ele pudesse conquistar autonomia e ser inserido na sociedade. Essa visão é corroborada por Moura (2007, p. 72) ao evidenciar que, “Embora alforriado, Pancrácio permanece dependente economicamente de seu senhor até porque poderá andar livremente, embora sua liberdade esteja atrelada aos limites da sua algibeira e de seu ordenado de seis mil reis”. A expressão “se andares bem”, significa, se obedecer. Nesse sentido, o que aconteceria era que Pancrácio deveria permanecer escravo, passivo às ordens e maus tratos de seu senhor/patrão. No discurso se observa que:

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos (ASSIS, 1994).

Dessa maneira, mesmo livre, mas por causa do “mau humor” do patrão as agressões físicas continuavam. Com isso Machado denuncia a falta de respeito, as

injustiças sociais com relação aos escravos. O enunciador acrescenta:

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí pra cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do diabo; cousas todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre (ASSIS, 1994).

Moura (2007, p. 73) também sublinha: “Porém, em 19 de maio de 1888, temos uma pseudo-proposta de nova atitude, pois, na verdade, tudo continuará igual. O narrador em seu discurso revela que continuará a desferir petelecos, puxões de orelha, pontapés em Pancrácio, acrescidos dos insultos de besta e filho do diabo”.

Assim, com a passividade de Pancrácio descrita no discurso, percebe-se que ele não sabia ainda o que era ser livre. E as atitudes agressoras que ele recebia, tanto verbal quanto fisicamente não permitiam que ele acordasse para sua nova realidade. O pronome “meu” expresso no enunciado supracitado reforça essa tendência. Também observa Moura (2007, p. 73):

O tom galhofeiro e leve que Machado utilizou ao longo do texto nos dá a sensação de que o próprio comportamento de desprezo pelo escravo e, ao mesmo tempo, reforço da ideologia paternalista dos senhores resultam na relação dependente senhor/alforriado (ex-escravo). Isto é, embora em tese Pancrácio seja um homem livre, ele ainda tem na sua retaguarda um senhor que poderia monitorar seus passos, suas atitudes e, mais ainda, julgá-lo na antiga perspectiva de senhor de escravo.

E, para finalizar o discurso, o cronista, faz uma crítica aos antiabolicionistas na tentativa de manipular pela linguagem seu coenunciador e convencê-lo de que os donos de escravos, que fossem “puros e verdadeiros políticos” deveriam seguir seu exemplo:

[...] que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: *és livre*, antes que o digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do céu (ASSIS, 1994).

Conforme Fiorin (2008, p. 75),

A finalidade última de todo ato de comunicação, não é informar, mas persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite. Por isso, ele é sempre persuasão.

Dessa forma, em todo o decorrer do discurso, percebe-se Machado disfarçando as suas opiniões, por meio de um enunciador personagem, que ele utiliza como boca, sempre em uma ironia sem a qual ele praticamente não sabe esconder, e às vezes em alegorias complexas que pedem um tipo de leitura proficiente, com a qual a crítica da época não estava acostumada. Como ressalta Koch e Travaglia (apud MUSSALIN; BENTES, 2001, p. 266-267),

Quase todos os textos que lemos ou ouvimos exigem que façamos uma série de inferências para podermos compreendê-lo integralmente. Se assim não fosse, nossos textos teriam que ser excessivamente longos para poderem explicar tudo o que queremos comunicar. Na verdade é assim: todo texto assemelha-se a um *iceberg* – o que fica à tona, isto é, o que é explicado no texto, é apenas uma parte daquilo que fica submerso, ou seja, implícito. Compete, portanto, ao receptor ser capaz de atingir os diversos níveis de implícito, se quiser alcançar uma compreensão mais profunda do texto que ouve ou lê.

Portanto, verifica-se que o discurso machadiano apresenta mensagens linguísticas com graus diferentes de explicitude que às vezes não podem ser previstos apenas com base no sentido literal, uma vez que as mensagens linguísticas se manifestam de forma implícita ou explícita.

A semana – 10 de julho de 1892

O assunto predominante nessa crônica publicada no jornal “A Semana”, datada 10 de julho de 1892, está relacionado com a conflitos ocupavam os noticiários nas antigas províncias de São Pedro, que na época já se chamava Rio Grande do Sul (onde havia uma guerra civil, fruto de uma instabilidade política gerada pelos federalistas) e do Estado de São Paulo (onde intensificava os conflitos provocados pela liberação da entrada de imigrantes, em sua maioria italianos, para trabalharem nas lavouras de café e também onde se intensificavam as insatisfações com questões voltadas para abolição dos escravos). Para o cronista, essa exclusividade que girava em torno desses dois assuntos sem que as verdades fossem esclarecidas trazia-lhe certo incomodo e desejo de uma reação brusca, porém necessária:

Eu, quando vejo um ou dois assuntos puxarem para si todo o cobertor da atenção pública, deixando os outros ao relento, dá-me vontade de os meter nos bastidores, trazendo à cena tão somente a arraia-miúda, as

pobres ocorrências de nada, a velha anedota, o sopapo casual, o furto, a facada anônima, a estatística mortuária, as tentativas de suicídio, o cocheiro que foge, o noticiário, em suma (ASSIS, 1994).

Essa reação é produzida pelo senso de justiça do cronista que não lhe permitia ver determinadas situações acontecerem às escondidas e não denunciar. O que ocorria era uma massificação apenas desses conflitos, enquanto as outras problemáticas ficavam encobertas: “É que eu sou justo, e não posso ver o fraco esmagado pelo forte. Além disso, nasci com certo orgulho, que já agora há de morrer comigo. Não gosto que os fatos nem os homens se me imponham por si mesmos. Tenho horror a toda superioridade” (ASSIS, 1994).

Machado nas entrelinhas e com uma linguagem subjetiva, cheia de simbologia, descreve a forma como ele analisava o que ocorria naquela época, tanto no Rio Grande do Sul, quanto em São Paulo, onde na verdade os fortes são os que estavam no poder, exerciam de uma forma injusta autoritarismo, manipulação, tomando decisões que beneficiavam a minoria, que era a classe dominante, e por sua vez, massacravam a maioria, que era representada pela classe subalterna. A essa estratégia do autor, Koch (2003, p. 25) evidencia que

Os objetivos discursivos a que o texto faz referência são apresentados em grande maioria de forma lacunar, permanecendo muita coisa implícita. O produtor do texto pressupõe do leitor/ouvinte conhecimentos textuais, situacionais e enciclopédico e, orientando-se pelo *Princípio da Economia*, não explica as informações consideradas redundantes. Ou seja, visto que não existem textos totalmente explícitos [...]. Na verdade, é este o grande segredo do locutor competente.

Mesmo impedido de falar, Machado não se aguenta e, por intermédio de recursos discursivos utilizados pelo cronista, ele sutilmente denuncia: “Ouvi que na câmara surdiu divergência entre a maioria e a minoria, por causa da anistia. A questão rimava nas palavras, mas não rimava nos espíritos. Daí confusão, difusão, abstenção. Dizem que um jornal chamou ao caso um beco sem saída” (KOCH, 2003, p. 25). O que o enunciador relata nesse fragmento é referente a um problema ocorrido e que não agradou a muita gente, por isso “não rima nos espíritos” – é como se não trouxesse harmonia entre os presentes.

A expressão “beco sem saída”, de certa forma, é utilizada com tom de brincadeira neste discurso, mas também transfere uma ideia irônica de que para tudo se dá um jeito, principalmente quando a notícia denigre a moral da classe que está no poder: “[...] mas

um amigo meu (pessoa dada a aventuras amorosas) diz-me que todo beco tem saída; em caso de fuga, salta-se por cima do muro, trepa-se ao morro próximo, ou cai-se do outro lado. Coragem e pernas. Não entendi nada.” (ASSIS, 1994).

Em relação ao prosador Machado de Assis, observa Brayner (1992, p. 412): “[...] o historiador da cidade torna-se o ficcionista da trama das relações semânticas e sintáticas. [...] tudo com o mesmo ar ‘brincalhão’ e ‘cético’ que soube imprimir ao folhetim”. O cronista Machado fala, em seu discurso, de loteria, bilhetes, todos esses termos, em uma linguagem simbólica, parece se referir aos jornais da época, aos escritores e à censura da imprensa, como neste trecho: “Assim é que, por telegrama, sabe-se aqui haver o governador de um estado presidido à extração da loteria. A princípio, cuidei que seria para dignificar a loteria; depois, supus que o ato fora praticado para o fim de inspirar confiança aos compradores de bilhetes.” (ASSIS, 1994). O enunciador termina, com a mesma simbologia anterior, levando o seu coenunciador a penetrar em seu discurso para poder descobrir que ele escrevia por pseudônimos: “Desconfiam que não ponho o selo integral aos meus papéis: é verdade (e não sou único)” (ASSIS, 1994).

Além de escrever e utilizar pseudônimos, Machado está sempre os mudando: “[...] mas, além de que revalido sempre o selo, quando é necessário levar os papéis a juízo, a quem prejuízo eu, tirando ao Estado?” (ASSIS, 1994). Essa era uma forma de escrever, denunciar, sem ser descoberto. Para tanto, Machado utilizou vários pseudônimos. Segundo Brayner (1992, p. 408), “Nesse trânsito por jornais da mais variada tonalidade, Machado excedeu-se no uso constante de pseudônimos, uma das características do jornalismo da época. Foi Lara, Lélio, Malvólio, Job, Eleazar, Sileno, entre outros [...]”.

Dessa forma, apesar das desconfianças, como não se tinha como provar nada pela astúcia do cronista, ele não se importava: “Pois desconfiam de mim! São capazes de desconfiar do diabo”. (ASSIS, 1994). E já no final da crônica, para interromper sua enunciação, com o objetivo de não falar demasiado, encerra seu discurso: “Creio que começo a escrever no ar e [...]” (ASSIS, 1994). Diante disso, o sujeito da enunciação deixa para o seu coenunciador o papel de completar o restante do discurso. Isso é evidenciado pelo sinal de pontuação (reticências), que significa que ainda há ideias para serem expressas. Assim, o enunciador se silencia. Porém, deve-se levar em consideração que o silêncio também é uma forma de discurso. Orlandi (1992) chama-o de “silêncio

imposto”, já que o regime proíbe certas palavras para se proibir certos sentidos. Contudo, cabe ressaltar que este silêncio não pressupõe ausência de comunicação.

Considerações finais

Diante do estudo realizado, percebeu-se que a crônica é um instrumento poderoso de intervenção na sociedade. Também foi por intermédio de crônicas que Machado denunciou a permanência dos maus tratos em relação aos negros após a abolição.

Outro fator relevante verificado é a genialidade de Machado de Assis, principalmente no uso que ele faz da linguagem, ultrapassando os limites da censura, sem perder de vista o que pretendia enunciar, denunciar. Sendo assim, fica evidente que o cronista nunca foi omissivo, nem passivo frente às injustiças sociais do seu tempo.

O *corpus* privilegiado para análise se constituiu de três crônicas. Na primeira delas, o autor desperta seu leitor para a importância desse gênero, pois Machado esperava por intermédio de seus textos mexer com a estrutura social de sua época por meio de suas denúncias. Já na segunda, o escritor dá voz a uma personagem e de forma ficcional denuncia as injustiças sociais contra os escravos. Enquanto que, na terceira, Machado se encontra indignado com a problemática que ocupava os jornais, deixando de lado outros problemas que também mereciam atenção. Desta maneira, foram construídas essas análises.

Referências

ASSIS, Machado. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. III, 1994.

BRAYNER, Sonia. Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. In: CANDIDO, Antonio et al. **A Crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita**. Petrópolis: Vozes, 1986.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do discurso**. 14 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Linguagem e Ideologia**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993. (Princípios)

GARCIA, Othon M. Os Sentidos das Palavras. In: **Comunicação em prosa moderna**. 17. ed. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1997. p. 155-167.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MOURA, Eloísa da Silva. **Novos olhares, novas leituras das crônicas de Machado de Assis e de Carlos Drummond de Andrade**. 2007. Tese. (Doutorado em Teoria da Literatura) - Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 10 de Janeiro 2016. Disponível em http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=469. Acesso em 10 de mar. de 2016.

MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. Análise do Discurso. In: **Introdução à Linguística: domínio e fronteiras**. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 245-285.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: UbuCamp, 1992.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999.

_____. **Discurso e Leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

RESENDE, Beatriz. Em caso de desespero, não trabalhem. In: CANDIDO, Antonio et al. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

TEIXEIRA, Tattiana. **A crônica política no Brasil: um estudo das características e dos aspectos históricos a partir da obra de Machado de Assis, Carlos Heitor Cony e Luis Fernando Veríssimo**. 2002. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/_esp/escola.php?codinst=19. Acesso em 15 de mar. 2016.